

TERAPIA CENTRADA NA PESSOA

O ESTADO DA ARTE

TRADUÇÃO DE MANUELA REDONDO



Peter F. Schmid

Resumo:

Carl Rogers (1961 a, 163) disse, certa vez: “Hoje em dia, a maioria dos psicólogos considera-se insultado se for acusado de pensar em termos filosóficos. Não consigo deixar de me interrogar sobre o significado disto.”

Nesta exposição¹, vou enunciar resumidamente, e de acordo com o meu ponto de vista, algumas questões relativas ao estado da arte da profissão de Terapeuta Centrado na Pessoa ou “Counsellor”, sem pretender ser exaustivo, limitando-me às áreas filosóficas e antropológicas mais básicas, a algumas partes do puzzle filosófico centrado na pessoa, pois eu creio que o estado da arte, hoje em dia, nos nossos círculos, significa que é uma virtude ser-se confrontado com questões e ideias filosóficas sobre o que fazemos.

Palavras-Chave: Estado da Arte; Teoria; Crítica

Abstract:

Carl Rogers (1961a, 163) once stated: „In these days most psychologists regard it as an insult if they are accused of thinking philosophical thoughts. I cannot help but puzzle over the meaning of what I observe.“

In this statement² I am going to name some subjects concerning the state of the art of the profession of a Person-Centered Therapist or Counselor in short from my point of view — without claiming to be complete of course — and I restrict myself to the more basic philosophical and anthropological areas, to some parts of the person-centered philosophical puzzle, because I assume state of the art nowadays in our circles is that it is a virtue to be encountered with philosophical questions and ideas about what one does.

Key-Words: State of the Art; Theory; Critic

Antropologia - baseada na individualidade do ser humano

É do estado da arte entender a Psicoterapia Centrada-na-Pessoa como uma terapia de relacionamento – pessoa a pessoa – o que tem muitas implicações:

- ♦ Implica uma *imagem do Homem* em que o ser humano, quer seja o cliente, quer seja o terapeuta, é visto como uma pessoa, e, como tal, considerado igualmente na sua individualidade e autonomia, interconexão e responsabilidade. É do estado da arte focar

É o estado da arte focar igualmente a dimensão substancial e o aspecto individual de ser pessoa, assim como a dimensão relacional e o aspecto interacional de tornar-se pessoa.

igualmente a dimensão substancial e o aspecto individual de ser pessoa, assim como a dimensão relacional e o aspecto interacional de tornar-se pessoa (Schmid, 1991, 1998b)³

- ♦ Implica uma *Teoria da Motivação* que inclui a motivação que vem do interior (da tendência actualizante do organismo) e a que vem do exterior (o desafio e da vocação iniciada pelo outro). É portanto, do

estado de arte encarar a tendência actualizante, não mais como o único axioma centrado na pessoa, mas a relação como factor igualmente importante.(ibid. 1994, 281-283).

- ♦ Entender a Terapia Centrada na Pessoa como uma terapia de relacionamento, implica uma *psicologia do desenvolvimento* que não vê apenas o desen-

É do estado da arte dar atenção e pesquisar uma psicologia do desenvolvimento centrada na pessoa para todas as fases da sua vida.

volvimento e a mudança a partir da tendência actualizante, mas também das relações nas quais se nasce, se é educado e com que se vive. Assim, os auto-conceitos, problemas, crises e patologias não derivam só

É do estado da arte estar aberto a todas as formas curativas e artísticas de fazer terapia.

do facto de não se ser suficientemente aceite, mas do processo de comunicação entre a criança e as suas relações com as suas “figuras significativas” – uma opinião que é bem fundamentada pelos estudos fenomenológicos em crianças, levados a cabo nos últimos anos (quero aqui chamar a atenção para os trabalhos

É do estado da arte ter em conta as diferenças de sexo e género.

de Ute Binder: 1994; 1998; Binder/Binder 1981; 1991). É do estado da arte dar atenção e pesquisar uma psicologia do desenvolvimento centrada na pessoa para todas as fases da sua vida.

- ♦ Implica, igualmente, incluir a corporalidade da pessoa na perspectiva da pessoa, e assim, de uma for-

ma simples e genuína, a *inclusão do corpo* na teoria e na prática de uma terapia verdadeiramente pessoal que

É do estado da arte olhar a pessoa também nas suas dimensões espiritual e religiosa

não “acrescenta” o corpo ao trabalho psicoterapêutico, não se concentra no corpo em vez da psique, nem o usa para “curar a alma através do corpo”, fazendo dele um instrumento. É do estado da arte estar aberto a todas as formas curativas e artísticas de fazer terapia – segundo as aptidões e necessidades do cliente – e não se limitar à interacção verbal (Schmid 1994, 425-502; 1996d; 1997b). É encarar a terapia como uma forma de arte e não uma técnica (Land, 1983), como um jogo (autêntico) e não como uma tecnologia (aplicada) (Schmid 1994, 297-423).

- ♦ Esta atitude implica encarar a pessoa como homem e mulher. É do estado da arte ter em conta as diferenças de sexo e género, tê-lo presente e, gradualmente, ultrapassar a visão masculina ainda predominante, bem como o comportamento do dia-a-dia da maioria de nós (Winkler 1992; O’Hara 1997).

É do estado da arte encarar a relação terapêutica como uma relação que visa o encontro pessoal.

- ♦ Este ponto de vista implica – finalmente – considerar o ser humano como um ser espiritual. É do estado da arte olhar a pessoa também nas suas dimensões espiritual e religiosa. A espiritualidade, neste sentido, não se refere a práticas esotéricas, conceitos da Idade Média ou sentimentos pouco profundos de estar, de algum modo, em sintonia com o Universo. Considera as capacidades espirituais do homem em termos de conferir significado à própria vida e interrogar-se sobre si próprio e sobre o mundo para além das

necessidades imediatas – incluindo questões religiosas como convicções, crenças e pontos de vista implícitos e explícitos sobre valores, Bem e Mal, Transcendência, vida após a morte, Deus, etc... Questões como estas, desempenham um papel importante na vida de muitas pessoas e, com frequência, sob a forma de forte rejeição emocional. Estas facetas do ser humano não devem ser testadas como tabus na teoria e na prática da psicoterapia (Rogers 1980^a, 185; 1980c, 99; Thorne 1991; Schmid 1994, 199f, 228-244, 294f; 1998 a).

É do estado da arte encarar a presença do terapeuta como o principal foco da relação terapêutica.

TEORIA DA TERAPIA – BASEADA NA FILOSOFIA DO ENCONTRO E NA “KAIROLOGY”

Se tivermos em conta estes aspectos da imagem do homem de acordo com a abordagem centrada na pessoa, é evidente que a terapia centrada na pessoa não é apenas uma terapia de relação, mas também de encontro.

♦ O encontro torna-se claramente uma categoria central da abordagem. É do estado da arte encarar a relação terapêutica como uma relação que visa o encontro pessoal. Encontro significa ser surpreendido pelo inesperado, pelo ser outro da outra pessoa, é ser afectado pelo seu interior e essência, ser desafiado por ela porque é uma outra pessoa, um Outro, no sentido da filosofia do encontro, e assim, enquanto terapeuta, não ser só um alter ego, mas um parceiro nesse encontro, ele ou ela ser aberto e desafiador. Isto pressupõe uma compreensão da terapia que encoraja a curiosidade.

Encontro significa ser confrontado e a partir daqui responder a quaisquer necessidades vindas do ou-

tro e também alcançá-lo. Portanto, dependência deixa de ser uma má palavra, desde que compreendida mutuamente, como interdependência. A ideia de pessoa independente é posta de lado, uma vez que nesta

É do estado da arte encarar a presença do terapeuta como o principal foco da relação terapêutica.

perspectiva se corre o risco de enfatizar a autonomia e descuidar o contexto: os outros e o ambiente. É do estado da arte uma noção de terapia para além de uma perspectiva passiva e amigável de espelhar-se no outro, de um modo inactivo, em que o terapeuta não-directivo espera que o outro se desenvolva por si sem precisar envolver-se – antes se torna interveniente. (Schmid 1994, 103-295; 1998c)

♦ Por isso, é do estado da arte encarar a presença do terapeuta como o principal foco da relação terapêutica. Aqui, a presença não se trata de uma experiência mística que raramente ocorre em momentos preciosos da terapia, ou de um princípio ideológico ou pragmático. Pelo contrário, significa que na sua presença psicológica, a pessoa que oferece uma relação centrada na pessoa proporciona ao seu parceiro, quer seja outra pessoa ou um grupo, a possibilidade de se concentrar naquele instante fértil e assim em si

É do estado da arte interessar-se pelos mais recentes progressos da fenomenologia e da filosofia do encontro e assim, abandonar, por exemplo, a visão de uma relação “Eu-Tu” e caminhar para uma “Nós”

próprio ou nas suas relações – ao que se pode chamar uma perspectiva “kairológica” (segundo o nome do Deus grego da oportunidade certa).

A atitude focada por Rogers (1986h), nos últimos anos da sua vida – tal como Brian Thorne (1997) mencionou no primeiro plenário e debate da Conferência de Lisboa – significa uma abertura incondicional para a relação e dirigida à pessoa do Outro num dado momento. Para as condições nucleares da abor-

dagem centrada na pessoa abre-se uma dimensão antropológica que vai para além da atitude e do comportamento. A atitude de presença não é algo adicional como uma Quarta condição nuclear ou variável, mas todas estas condições nucleares são preservadas e dissolvidas ao serem suplantadas e transcendidas no sentido do “Aufhebung” Hegeliano. Presença é o ponto a que se refere exaustivamente o triás das condições nucleares, tornando-as condições claras para o encontro pessoal (mútuo). O estado da arte é um modo de ser que é na verdade um “modo de ser com” (Schmid 1994, 201-244).

- ♦ É do estado da arte “estar” na relação como um encontro i-media-to, sem o uso de técnicas, incluindo as centradas na pessoa. Tal abordagem, entendendo a comunicação na relação terapêutica verdadeiramente como diálogo, exclui fundamentalmente qualquer concepção acerca de si próprio por parte do terapeuta como perito dos problemas ou da pessoa do companheiro. A ter de ser descrito, “perícia reside exactamente na capacidade de resistir à tentação em comportar-se como um perito. Esta abordagem exclui qualquer uso pré-concebido de métodos e técnicas que não se firmem na experiência imediata da relação. O único “meio” ou “instrumento” utilizado é a pessoa do terapeuta. É do estado da arte trabalhar num

Para além disto, é do estado da arte o diálogo da psicoterapia com as outras ciências.

processo em que “qualquer meio possa fracassar” (e o encontro terá então lugar), tal como Martin Buber (1923, 1 a) declarou (Schmid 1994, 494-497; 1996 a, 289-299).

- ♦ É do estado da arte interessar-se pelos mais recentes progressos da fenomenologia e da filosofia do encontro e assim, abandonar, por exemplo, a visão de uma relação “Eu-Tu” e caminhar para uma “Nós”, a qual considera que existem sempre mais do que duas pessoas ainda que numa sessão de terapia individual se encontrem apenas duas pessoas presentes. Isto significa não só ter consciência de que há sempre um terceiro sujeito para o qual ambas as pessoas envolvidas remetem, mas também, segundo Emmanuel Lévinas (1959; 1961; 1974; 1983), prestar atenção, por exemplo, ao contexto e à dimen-

É do estado da arte construir um novo paradigma para a teoria da ciência, especialmente no que se refere ao diálogo das diferentes orientações terapêuticas, incluindo a pesquisa da comparação das diferentes abordagens e escolas e as discussões interdisciplinares entre terapeutas quer em teoria quer na prática.

são social, ao “terceiro”, como símbolo de abertura da relação individual aos outros e, conseqüentemente, ao grupo (Schmid e outros 1994, 136-155; 1996 a, 509-540; 1998c).

- ♦ No que diz respeito à prática, isto leva-nos a uma *nova visão da terapia de grupo*. Leif Braaten (195), Germain Lietaer (com Derrick 1996) e eu próprio (Schmid 1994; 1996 a; 1996c; 1998c) entre ou-

É do estado da arte uma epistemologia baseada estritamente em princípios construtivistas.

tros, trabalhámos sobre este tema nos últimos anos. Encarar o homem como um ser verdadeiramente social implica uma re-avaliação da indicação de terapia individual e de grupo. E devido à compreensão das relações sociais do ser humano, como pessoa dentro do grupo, e devido à constatação do facto de que a resolução dos conflitos deve ser feita no ambiente onde eles surgem, nomeadamente em grupo, é do estado da arte reflectir sobre se o grupo é o espaço terapêutico a ser escolhido em primeiro lugar, e se a relação indivi-

dual – enquanto relação especial e especialmente protegida – é indicada, quando há necessidade de proteção especial ou outras razões específicas para isso (Schmid 1996 A, 57-76).

EPISTEMOLOGIA – BASEADA NA FENOMENOLOGIA E NO CONSTRUTIVISMO

É do estado da arte uma nova psicologia de uma nova visão do homem e do mundo.

♦ É do estado da arte uma epistemologia baseada estritamente em princípios construtivistas. Entre outros, a imagem do mundo centrada na pessoa desenvolvida num quadro fenomenológico trouxe novas perspectivas para a nossa compreensão dos processos do conhecimento e da realidade (Rogers, 1978d; Frenzel 1991; Fehringer 1998; Land 1992). Esta visão pluralista pôs um fim a conceitos e ideias, em que alguém reclama possuir a verdade, a pretende divulgar ou ensinar como se deve ver o Mundo, os seus semelhantes e a si próprios. A epistemologia está estritamente ligada à questão do uso do poder. São necessárias divergências, heterogeneidade e perspectivas parciais (Land 1996). E porque é abusivamente absurdo que alguém tenha a última palavra, e daí todos tenham de ser ouvidos, o poder tem de ser partilhado, ou melhor, o poder da pessoa tem de ser reconhecido.

É do estado da arte encarar-se a si próprio como terapeuta, embuído de poder pelo cliente (Schmid, 1996b).

TEORIA DA CIÊNCIA – COM BASE NO DIÁLOGO E NO REALISMO CONSTRUTIVISTA⁴

♦ É do estado da arte construir um novo paradigma para a teoria da ciência, especialmente no que se refere ao diálogo das diferentes orientações terapêuticas, incluindo a pesquisa da comparação das diferentes abordagens e escolas e as discussões inter-

É do estado da arte facilitar as pessoas no contexto de situações profissionais, não treinar terapeutas

disciplinares entre terapeutas quer em teoria quer na prática (trabalhando na mesma instituição, por exemplo). Já não faz sentido aquele jogo de poder “o que tu tens, tenho tido desde há muito tempo; mas aquilo que tenho, tu não encontras nos teus conceitos”. Também não faz sentido procurar conceitos em outras orientações, adoptá-los e integrá-los para os enriquecer

ou o que quer que seja. Não faz sentido tentar convencer os outros da nossa própria filosofia e conduta ou tentar reunir todos os mé-

todos numa só “Psicoterapia Geral”, uma psicoterapia universal para além de qualquer orientação. Igualmente, não faz sentido ser eclético ou fundamentalista. Pelo contrário, o desafio é olhar para as nossas teorias como teorias numa dada perspectiva e tentar vê-

las segundo outras perspectivas diferentes. Isto significa tentar traduzir os nossos conceitos numa outra linguagem e constatar assim o quão limitados e contextuais eles são.

Ao “aliená-los” num contexto diferente, as forças e fraquezas dos nossos conceitos tornam-se claros e passíveis de serem desenvolvidos. O momento interessante ocorre quando a tradução falha e nesse novo contexto, os conceitos não fazem sentido. Esta “ope-

É do estado da arte procurar formas criativas na formação e na investigação.

É do estado da arte, na abordagem centrada na pessoa, centrar-se em reconhecer a possibilidade da “perturbação” como crise.

ração de contraste” oferece a possibilidade de se reconsiderar as regras e as pré-condições subjacentes aos nossos conceitos, os quais não seriam evidentes

É do estado da arte vir a público participar em discussões sobre questões de interesse geral.

de outro modo. Neste diálogo psicoterapêutico é do estado da arte deixar a casa temporariamente e partir para um país estrangeiro, não para mudar a sua cultura ou adoptá-la, mas para aprender sobre si próprio (Sluneko 1996; 1997).

♦ Para além disto, é do estado da arte o diálogo da psicoterapia com as outras ciências em toda a sua variedade como, por exemplo, a medicina, linguística, física, biologia, etnologia, filosofia da cultura, teologia, história, etc., e com a arte em toda a sua diversidade, desde a literatura, ao teatro, à música, à dança, à pintura e à escultura (Schmid/Waschen 1994).

PSICOLOGIA – COM BASE NOS DESAFIOS ACTUAIS

♦ É do estado da arte uma nova psicologia de uma nova visão do homem e do mundo. Aqui faço uma chamada de atenção para Maureen O’Hara (1997) e a sua teoria bastante convincente de que esta nova era, com todos os seus desafios, e com uma sociedade global, pluralista, interligada e cibernética necessita de uma nova e pós-moderna psicologia, para substituir a tentativa insuficiente de uma psicologia baseada na causalidade. Para se alcançarem os fins antecipatórios, de modo a dar e a receber auxílio no desenvolvimento de níveis mais avançados da mente, para se sobreviver neste mundo complexo, a história da consciência cultural e da evolução da organização psicológica individual deverão ser consideradas como um processo de desenvolvi-

mento. É do estado da arte aspirar a uma psicologia que nos habilite a, temporariamente, abandonar o nosso medo de viver neste mundo complexo e a ver a diversidade de pessoas e opiniões, as suas formas de vida e sistemas de crenças como um enriquecimento e não como uma ameaça.

INVESTIGAÇÃO E EDUCAÇÃO – COM BASE NA CRIATIVIDADE

♦ É do estado da arte procurar formas criativas na formação e na investigação. Carl Rogers (1985-1959 pg. 57) apela para uma ciência com orientação existencialista, com base numa nova filosofia da ciência, “uma ciência mais humana da pessoa”, que toma em consideração o fenómeno da experiência, permanecendo o sujeito uma procura em aberto. Precisamos ter trabalho científico na área da elaboração e desenvolvimento da abordagem, da teoria genuinamente experiencial e centrada na pessoa com base na prática corrente e futura⁵ (WAPCCP 1997). Precisamos continuar a elaborar teoria, com base na prática, e sublinhar a prioridade da experiência. E se, por um lado, precisamos aprofundar os termos da abordagem centrada na pessoa em vez de os diluir, por outro, não devemos desistir de uma linguagem próxima da experiência, em vez de uma gíria sofisticada e supostamente científica (Schmid 1996, 388-392).

♦O mesmo é válido para a formação e educação.

É do estado da arte, fundamentalmente, uma ética da experiência como base para todas as filosofias e desempenhos.

A tarefa consiste em oferecer um leque vasto de possibilidades para o desenvolvimento individual, no con-

texto social. Por muito que precisemos de uma investigação sólida, precisamos de uma formação sólida, de modo a habilitarmos os alunos a comportar-se como pessoas mesmo em situações difíceis, em vez de se refugiarem em formas técnicas de se relacionarem. A tarefa é promover os “princípios gémeos” da criativi-

dade e espontaneidade de maneira a fomentar o processo de tornar-se pessoa. E isto pressupõe modos inconvencionais de treino, que ultrapassam os programas de treino clássico, e uma visão que considera o treino como educação artística.

É do estado da arte facilitar as pessoas no contexto de situações profissionais, não treinar terapeutas (Schmid, 1996, 355-368).

POLÍTICA – COM BASE NA CONVICÇÃO DE UM PAPEL PIONEIRO

- ♦ Apesar da tendência residir num acordo entre o sistema de segurança social e a adaptação aos conceitos tradicionais de perturbação e doença, e apesar de se tender a aplicar processos conflituosos durante a vida de uma pessoa – por exemplo, “doenças” – então nós prevenimo-las – é do estado da arte, na abordagem centrada na pessoa, centrar-se em reconhecer a possibilidade da “perturbação” como crise. Desta forma, é encarada como uma decisão. Na compreensão da singularidade do “kairos”, que requer uma mudança – de si próprio, dos outros, da sociedade como um todo – é de novo a criatividade que é necessária em vez da classificação.

- ♦ É do estado da arte vir a público participar em discussões sobre questões de interesse geral. São necessários argumentos sobre problemas actuais, preferidos por terapeutas centrados na pessoa, pois acreditamos que a nossa perspectiva pode contribuir para os temas que interessam as pessoas (dada a actual situação, não se pode senão dizer que há uma desconfiança considerável na própria perspectiva e nas suas bases). É do estado da arte estar consciente do papel pioneiro que se detém em várias áreas, e estar preparado para o defender também em público (Frenzel/Schmid 1996).

ÉTICA – COM BASE NA EXPERIÊNCIA SOCIAL

- ♦ É do estado da arte, fundamentalmente, uma

ética da experiência como base para todas as filosofias e desempenhos. Se encararmos o que fazemos como “serviço” – esta é a noção literal de “terapia” – o desempenho recebe uma dimensão ético-social, conduzindo à compreensão de “responsabilidade”, de uma capacidade de resposta às necessidades do próximo para uma nova compreensão da realização pessoal como realização própria através de, e conjuntamente com, os outros. No encontro interpessoal a que chamamos terapia, onde somos abordados e onde nos é pedido para intervir, assumimos uma responsabilidade maior, uma obrigação em que o nosso próximo espera que prestemos o serviço que devemos um ao outro – nem mais nem menos do que “amor”, essa palavra frequentemente mal usada e ainda assim insubstituível (aqui deparamo-nos, novamente, com o desenvolvimento da abordagem, discutida no primeiro plenário da Conferência de Lisboa⁶). É do estado da arte basear a terapia no amor – não como uma atitude de “vale tudo” ou no sentido de “tudo o que faço está bem, desde que acredite (ou vocês acreditem) que vos amo”, ou “tudo o que precisamos é de amor”, não de uma forma indiferenciada, mas a partir de uma “motivação pró-social”, tal como Ute Binder lhe chama, de acordo com a noção de amor de Erich Fromm⁷ (1956), que, por sua vez, Carl Rogers (1951 a; 154f; 1962 a 186) chamou “ágape” – “um modo de estar com”, que pode ser facilmente descrito, ensinado e aprendido (Schmid 1996 a, 512-540; 1997 a).

Para sumarizar, deverá dizer-se que, é do estado da arte considerar ainda uma tarefa, um desafio para o profissional e para o teórico, promover a abordagem centrada na pessoa, no sentido de uma abordagem verdadeiramente pessoal, em termos científicos e pessoais (Schmid 1996 a, 511-520; 1997 a).

Referências Bibliográficas:

Binder, Ute (1995), Die Bedeutung des motivationalen Aspekts von Empathie und kognitiver sozialer Perspektivenübernahme in der personzentrierten Psychotherapie, in: Hutterer/Pawlowsky/Schmid/

- Stipsits 1996, 347–362
- (1998), Empathy and empathy development with psychotic clients, in: Thorne/Lambers 1998
- Binder, Ute / Binder Johannes* (1981), Die klientenzentrierte Psychotherapie bei schweren psychischen Störungen, Frankfurt/M. (Fachbuchhandlung für Psychologie) ²1981
- (1991), Studien zu einer störungsspezifischen klientenzentrierten Psychotherapie. Schizophrene Ordnung – Psychosomatisches Erleben – Depressives Leiden, Eschborn (Klotz) 1991
- Braaten, Leif* (1995), Person-centered group psychotherapy. Theoretical and empirical contributions, Oslo (University of Oslo, Institute of Psychology) 1995
- Buber, Martin* (1923), Ich und Du, in: Dialogisches Leben, Zürich 1923; quotation from: Heidelberg (Lambert Schneider) ⁸1974
- Fehring, Christian* (1998), Personzentrierte Epistemologie (provisional title), in: Frenzel, Peter / Keil, Wolfgang / Schmid, Peter F. / Stölzl, Norbert (eds.), Lehrbuch der Personzentrierten Psychotherapie, Vienna (WUV) 1998
- Frenzel, Peter* (1991) (ed.), Selbsterfahrung als Selbsterfindung. Personzentrierte Psychotherapie nach Carl R. Rogers im Lichte von Konstruktivismus und Postmoderne, Regensburg (Roderer) 1991
- Frenzel, Peter / Schmid, Peter F.* (1996), Von der Herausforderung, die eigene Power zu gebrauchen... Bericht über ein Treffen personzentrierter Wissenschaftler, Bad Hall, Juli 1996, in: apg-kontakte 2 (1996) 37–54
- Frenzel, Peter / Schmid, Peter F. / Winkler, Marietta* (Hg.), Handbuch der Personzentrierten Psychotherapie, Cologne (EHP) 1992; ²1996
- Fromm, Erich* (1956), The art of loving, New York (Harper and Row) 1956
- Hutterer, Robert / Pawlowsky, Gerhard / Schmid, Peter F. / Stipsits, Reinhold* (1996) (eds.), Client-Centered and Experiential Psychotherapy. A paradigm in motion, Frankfurt/M. (Peter Lang) 1996
- Korunka, Christian* (ed.), Begegnungen. Psychotherapeutische Schulen im Gespräch. Dialoge der Person-Centered Association in Austria (PCA), Vienna (WUV) 1997
- Land, Douglas A.* (1983), The textures, shadows, colors of meetings with yourself, in: Journey 2/2 (1983)
- (1992), Der Erfolg: „Manchmal spiele ich Weisen, die ich noch nie zuvor gehört habe“. Wirksamkeit von Psychotherapie als Dekonstruktion: Eine notwendige und hinreichende Freiheit von Bedingungen, in: Frenzel/Schmid/Winkler 1992, 263–276
- (1996), Partial views, in: Hutterer/Pawlowsky/Schmid/Stipsits 1996, 67–74
- Lévinas, Emmanuel* (1959), in: Husserl 1859–1959. Recueil commémoratif publié à l'occasion du centenaire du philosophe, (Phaenomenologica VI), Den Haag (Nijhoff) 1959
- (1961), Totalité et infini. Essai sur l'extériorité, Den Haag (Nijhoff) 1961, ⁷1980
- (1974), Autrement qu'être ou au delà de l'essence, Den Haag (Nijhoff) 1974, ²1978
- (1983), Die Spur des Anderen. Untersuchungen zur Phänomenologie und Sozialphilosophie, Freiburg (Alber) 1983, ³1992
- Lietaer, Germain / Dierick, Paul* (1996), Client-centered group psychotherapy in dialogue with other orientations. Commonality and specificity, in: Hutterer/Pawlowsky/Schmid/Stipsits 1996, 563–583
- Maureen O'Hara* (1997), Person-Centered and experiential therapies in an age of standardization of treatment. Emancipatory practices in an age of standardization. Paper given at the IVth ICCCEP, Lisbon 1997
- Rogers, Carl R.* (1951a), Client-centered therapy. It's current practice, implications and theory, Boston (Houghton Mifflin) 1951
- (1959a), A theory of therapy, personality, and interpersonal relationships, as developed in the client-centered framework, in Koch, Sigmund (ed.) Psychology, the Study of a Science. Vol. III: Formulations of the person and the social context, New York (McGraw Hill) 1959, 184–256.
- (1961a), On becoming a person. A therapist's view of psychotherapy, Boston (Houghton Mifflin) 1961
- (1962a), The interpersonal relationship. The core of guidance, in: Harvard Educational Review 4,32 (1962) 416–429
- (1978d), Do we need „a“ reality, in: Dawnpoint 1,2 (1978)
- (1980a), Client-centered psychotherapy, in: Kaplan, Harold I., Sadock, Benjamin J., and Freedman, A. M. (eds.), Comprehensive textbook of psychiatry, III, Baltimore, MD (Williams and Wilkins), 2153–2168
- (1980c), Building person-centered communities. The implications for the future, in: Rogers 1980a, 181–206
- (1985a), Toward a more human science of the person, in: Journal of Humanistic Psychology 25,4 (1985) 7–24
- (1986h), A client-centered / person-centered approach to therapy, in Kutash, Irvin L. / Wolf, Alexander (eds.), Psychotherapist's Casebook. Theory and Technique

- in the Practice of Modern Times, San Francisco (Jossey-Bass), 197–208.
- Rogers, Carl R. / Schmid, Peter F. (1991), Person-zentriert. Grundlagen von Theorie und Praxis, Mainz (Grünwald) 1991; 2nd revised and enlarged edition 1995
- Schmid, Peter F. (1991), Souveränität und Engagement. Zu einem personzentrierten Verständnis von „Person“, in: Rogers/Schmid 1991, 15–164; 2nd revised and enlarged edition 1995
- (1994), Personzentrierte Gruppenpsychotherapie. Ein Handbuch. Vol. I: Solidarität und Autonomie, Cologne (Edition Humanistische Psychologie) 1994
- (1996a), Personzentrierte Gruppenpsychotherapie in der Praxis. Ein Handbuch. Vol. II: Die Kunst der Begegnung, Paderborn (Junfermann) 1996
- (1996d), Personale Macht. Thesen aus personzentrierter Sicht, in: Brennpunkt 67 (1996) 5–20; 70 (1977) 29–32
- (1996c), „Probably the most potent social invention of the century“. Person-Centered Therapy is fundamentally group therapy, in: Hutterer/Pawlowsky/Schmid/Stipsits 1996, 611–625
- (1996d), The body in psychotherapy — a person-centered view. Paper presented at the 1st Congress of the World Council of Psychotherapy, Vienna 1996
- (1997a), „Encountering a human being means being kept awake by an enigma.“ (E. Lévinas). Prospects on further developments in the Person-Centered Approach. Paper presented at the IVth ICCCEP, Lisbon 1997
- (1997b) „Mit dem Körper die Seele heilen“? Der Personzentrierte Ansatz im Gespräch mit der Körperpsychotherapie, in: Korunka 1997, 236–274
- (1998a), Im Anfang ist Gemeinschaft. Personzentrierte Gruppenarbeit in Seelsorge und Praktischer Theologie — Beiträge zu einer Theologie der Gruppe, Bd. III, Stuttgart (Kohlhammer) 1998
- (1998b), „On becoming a person-centred approach“. A person-centred understanding of the person, in: Thorne/Lambers 1998
- (1998c) „Face to face“. The art of encounter, in: Thorne/Lambers 1998
- Schmid, Peter F. / Wascher, Werner (1994) (eds.), Towards creativity. A person-centered reading and picture book, Linz (edition sandkorn) 1994
- Slunecsko, Thomas (1996), Wissenschaftstheorie und Psychotherapie. Skizzen zu einem reflexiven Wissenschaftsverständnis, Wien (WUV) 1997
- (1997), Formen der Begegnung zwischen therapeutischen Schulen, in: Korunka 1997, 16–38
- Thorne, Brian (1991), Person-centred counselling. Therapeutic and spiritual dimensions, London (Whurr) 1991
- (1997), From the non-directivity to the presence. Plenary address, IVth ICCCEP, Lisbon 1997
- Thorne, Brian / Lambers, Elke (1998), Person-Centred Therapy. European perspectives, London (Sage) 1998
- Wallner, Fritz (1992), Konstruktion der Realität. Von Wittgenstein zum Konstruktiven Realismus, Wien (WUV) 1992
- (1994), Interkulturalität ohne Relativität, in: Schadel, E. W. / Voigt, U. (Hg.), Sein – Erkennen – Handeln. Interkulturelle, ontologische und ethische Perspektiven, Frankfurt (Peter Lang) 1994, 61–66
- WAPCCP (1997), World Association of Person-Centered Counseling and Psychotherapy, Principles, Lisbon 1997
- Winkler, Marietta (1992), Das Geschlecht: Du Tarzan — ich Jane. Geschlechterdifferenz in der therapeutischen Interaktion, in: Frenzel/Schmid/Winkler 1992, 193–205

Notas:

¹ Versão revista e alargada, baseada num convite para um plenário, realizado no âmbito da IV Conferência Internacional de psicoterapia centrada no Cliente e Experiencial (ICCCEP), Lisboa, 11 de Julho de 1997. Cf Schmid 1997.

² Enlarged and slightly revised version, based on an invited plenary address, given at the IVth International Conference on Client-Centered and Experiential Psychotherapy (ICCCEP), Lisbon, July 11, 1997. Cf. Schmid 1997a.

³ As referências dadas apontam para capítulos de livros e artigos, onde é fornecida informação mais detalhada e desenvolvida sobre os referidos termos.

⁴ Cf. o paradigma da “Escola Vienense do Realismo Construtivista (Wallner 1992; 1994) e a sua “Teoria da Alienação (Theorie der Verfremdung)”.

⁵ Isto levanta uma questão, algo provocadora: Dez anos após a sua morte, é tempo de parar de contar histórias sobre os encontros com “Carl”, abandonar a nostalgia e procurar posições, novas e criativas, e arriscar ideias inovadoras.

⁶ Debate do tema: Brian Thorne (porta-voz) – Da não-directividade à presença; Germain Lietaer, Ned Gaylin, Alberto Segre (comentadores)

⁷ “Quando o bem-estar do outro advém do nosso próprio bem-estar”.